

OS PORTUGUESES E AS MISSÕES COLONIAIS PLATINAS: POMBAL, OS JESUÍTAS E OS GUARANIS MISSIONEIRO

Arno Alvarez Kern (PUCRS)

1. Introdução.

As aspirações utópicas do Iluminismo, no século 18, foram distintas das anteriores, ao defenderem não apenas uma ruptura com a época posterior ao Concílio de Trento, onde predominou a disciplina do clássico e a exuberância o barroco, mas igualmente ao proporem uma série de novas idéias e as bases de uma nova sociedade. Se o século 17 havia sido cartesiano e metafísico, a época do Marques de Pombal gerou não apenas novas realidades sociais e econômicas, bem como realizações culturais importantes, mas igualmente outras concepções de mundo. Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, foi contemporâneo de ministros e monarcas esclarecidos e influenciados pelo Iluminismo, como Catarina da Rússia, Frederico da Prússia, Maria Teresa da Áustria, Carlos III da Espanha e Luis XV da França. O que não significa que suas idéias tenham sido as mesmas, nem semelhante o contexto em que atuaram³.

¹ Colóquio Internacional “A presença portuguesa na região platina”, promovido pelo Instituto Camões (Lisboa, Portugal) e realizado em Colônia de Sacramento, Uruguai, de 23 a 26 de março de 2004.

² Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil) e Doutor em Arqueologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, França). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

³ Serrão se interroga “se o Iluminismo em Portugal não foi, por um lado, um fenômeno de superfície e, por outro lado, não afetou apenas uma ínfima minoria”? E afirma: “era uma filosofia de importação, a qual se usava, por conta e medida, por necessidade, digamos, pragmática”.

Os intelectuais da Ilustração condenavam a estreiteza da fé e afirmaram que somente as luzes da razão natural seriam capazes de conduzir os homens à sabedoria e à ciência, em uma nova sociedade estruturada a partir do absolutismo esclarecido e do jusnaturalismo, bem como por um racionalismo empirista. As especulações metafísicas sobre a essência do mundo deveriam ser substituídas pela universalidade da ciência e por um racionalismo empirista. As evidências da propagação destas idéias são muito “variáveis e contrastantes de grupo social para grupo social e de país para país, numa Europa em que, partindo da França e da Inglaterra e, posteriormente, da Alemanha e da Itália, se parecem expandir em ondas concêntricas que, não obstante, se vão atenuando”⁴. Estas idéias não apenas foram defendidas por intelectuais europeus, mas passaram a fazer parte, em maior ou menor grau, da nova concepção de mundo de líderes políticos, tais como Pombal em Portugal e Campomanes na Espanha, que assumiram parcial ou totalmente o controle político do Estado. Verdadeira ideologia de uma época em que a centralização monárquica e a ascensão da burguesia européia contrastavam com a gradual decadência dos restos de feudalismo ibérico ainda persistente⁵.

Otimistas e decididos, com decisão e desenvoltura política, a queimar todas as etapas necessárias, os intelectuais do Iluminismo pensaram que a realização de suas aspirações utópicas estavam próximas. Em lugar de uma sociedade ainda feudal em muitos aspectos e na qual os papéis sociais eram predestinados pelo nascimento, pretendiam uma redefinição e redistribuição das categorias sociais baseados nas responsabilidades pessoais,

SERRÃO, José. “Repensar Pombal”. In: SANTOS, Maria Helena C. *Pombal Revisitado* (vol. 2). Lisboa: Edit. Estampa, 1984. p. 359.

⁴ VOVELLE, Michel (dir.). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Edit. Presença, 1997. p. 7-8.

⁵ Para Falcon, em Portugal encontramos uma ilustração em termos, pois os grupos políticos portugueses evidenciam posições “pré-ilustradas” e “semi-ilustradas”, mais do que uma posição “verdadeiramente ilustrada”. Segundo ele, os textos políticos de Pombal, mais do que um discurso ilustrado, nos evidenciam uma retórica formalmente lustrada, pois “a imagem que o ministro faz de si mesmo e do seu governo, a consciência que revela do poder real e dos deveres e atribuições dos ministros e secretários de Estado, seu universo mental, em suma, não tem nada realmente em comum com a filosofia do “despotismo ilustrado”. FALCON, José C. *A época pombalina (Política econômica e monarquia ilustrada)*. São Paulo, Editora Ática, 1982. p. 360-4.

nas iniciativas e competências individuais. Se a sociedade de sua época se estruturava em função de uma visão metafísica baseada em leis divinas e justificava sua organização hierárquica pela transcendente providência divina, eles aceitavam como verdade uma concepção de homem como um ser racional que busca por suas ações definir o progresso futuro. Baseado no direito natural, o homem poderia superar as injustiças sociais provocadas pelos fanatismos religiosos. Este movimento intelectual tinha uma postura diversificada em relação às religiões e podia tanto estar ligado ao despotismo como lutar contra ele ⁶.

Em Portugal, sob a liderança de Pombal, iniciaram reformas no estado, incentivaram a economia, fundaram companhias de comércio, alteraram as instituições educacionais e combateram sem tréguas os seus opositores. Entretanto, mesmo que o homem pudesse ser considerado por alguns um ser submetido às leis da natureza, dotado de razão e movido pelo seu interesse pessoal, não era imaginado livre das hierarquias políticas e sociais, mas sim submetido a um despotismo que se imaginava esclarecido ⁷.

Os intelectuais iluministas portugueses, liderados por Pombal, tinham certeza que, com a expulsão dos padres jesuítas dos domínios portugueses e com a extinção da própria Companhia de Jesus, dar-se-ia um importante passo para a concretização de suas aspirações utópicas. Não tiveram a menor dúvida em atuar decididamente, na metrópole e nas colônias, para aniquilar o trabalho desenvolvido até então pelos jesuítas, norteado por outra ótica e outras aspirações ⁸. Segundo esses filósofos e administradores, as comunidades

⁶ "Philosophies des Lumières", In: AUROUZ, S. e WEIL, Y. *Dictionnaire des auteurs et des thèmes de la philosophie*. Paris: Hachette, 1991. p. 289-94.

⁷ Teria sido Pombal um "iluminado *malgré lui*" ? SERRÃO, José. Opus cit., nota 3, p. 359. O "paradoxo essencial deste período" foi assim sintetizado por Falcon: "... as reformas de todos os tipos que forma o conjunto dessa prática ilustrada não queriam de fato demolir ou subverter o edifício social". FALCON, Francisco José C. Opus cit. nota 4, P. 488-89.

⁸ Segundo Falcon, "o que representa a luta antijesuítica no contexto da problemática dos intelectuais (...). Essa luta foi uma forma de superação e liquidação do núcleo mais importante e ativo dos intelectuais tradicionais, os mais identificados com as tradições e os interesses de uma

jesuíticas dos Trinta Povos missioneiros, instalados entre os grupos indígenas de etnia Guarani do Rio da Prata, estariam estruturadas pelas diretrizes mais condenadas pelas novas idéias do Iluminismo. Polarizavam-se no século 18 duas visões de mundo e aspirações utópicas antagônicas, que terminaram se refletindo sobre o desenrolar da história regional platina, no mesmo momento em que alteravam substancialmente os rumos da história continental europeia e de suas colônias de além-mar. A intervenção política foi de tal monta nas aldeias das missões do Rio da Prata, estabelecidas e desenvolvidas durante quase dois séculos de atividades, que abalou até as bases do trabalho realizado pelos milhares de indígenas guaranis e por seus líderes, os caciques ("tubichás") e os novos médicos-feiticeiros ("pajés") de batina preta. Tinham estes intelectuais do Iluminismo tal certeza na validade de suas convicções utópicas de uma sociedade moderna e progressista, que não julgaram necessário perguntar aos "bons selvagens" guaranis do Brasil Meridional o que pensavam de tais decisões. Os bons selvagens haviam abandonado de maneira definitiva, no passado, as suas florestas tropicais e ajudado os missionários jesuítas a construir trinta florescentes povoações, laboriosamente edificadas ao longo de quase dois séculos de trabalhos, onde viveram aproximadamente cento e cinquenta mil indígenas.

Ao findar do século das luzes, expulsos os jesuítas e derrubado o grupo político liderado por Pombal, nada mais restava aos grupos étnicos de guaranis, nem mesmo as suas aspirações utópicas de uma paradisíaca "terra-sem-mal", aniquiladas inapelavelmente pelas decisões racionais do Iluminismo.

2. Os Trinta Povos Jesuítico-Guaranis e a visão dos Iluministas.

Os textos de alguns intelectuais europeus desta época, nos induzem a interpretações errôneas sobre as realidades sociais e culturais dos povoados missioneiros dos jesuítas entre

sociedade que já começava a dar sinais de decadência - a sociedade dominada pela aristocracia senhorial". FALCON, Francisco José C. Opus cit. nota 4, p. 431.

os grupos de etnia Guarani. Tanto nas obras que adotam posições favoráveis ⁹ como naquelas desfavoráveis, onde a visão negativa é muitas vezes violenta ¹⁰, afirmações preconceituosas e hipóteses se transformam em realidades históricas. Assim como são comuns as opiniões sem fundamento, são raros os posicionamentos críticos e as análises com referência à documentação escrita, iconográfica ou material. Muitos destes intelectuais das Luzes viam ainda estas comunidades a partir das idéias herdadas dos intelectuais do passado contra a sociedade que havia precedido o Iluminismo. Como estas povoações se encontravam inseridas nos territórios onde dominava a Igreja de Roma e seus soldados mais ativos nas frentes de batalha da Contra-Reforma, certos intelectuais viam estas missões platinas e seus habitantes guaranis com a mesma ótica negativa com que no passado se haviam julgado muitas das sociedades cristãs da Idade Média e da Idade Moderna. Assim, foram elas julgadas escolásticas e estáticas, como no Renascimento, hierárquicas e corrompidas como na Reforma, além de serem acusadas também de tradicionais e supersticiosas pelas Luzes. Já se afirmou que a história das missões jesuítico guaranis é antes de tudo uma questão de mitos ¹¹.

Tanto os ensaios de filósofos como Diderot e Voltaire, como os escritos de Pombal ¹² e as normas institucionalizadas pelos iluministas, que se referem direta ou indiretamente

⁹ CHARLEVOIX, P. *Histoire du Paraguay*. Paris: Didot, 1756. Um intelectual ilustrado italiano, Muratori, chega mesmo a firmar, referindo-se às Missões Guaranis, que "cada uma delas é governada como uma verdadeira república", e que o peso da autoridade dos jesuítas "é tão leve, e eles estão submetidos a condições tão vantajosas, que eles conservam uma liberdade quase completa". MURATORI, L. A. *Relation des Missions du Paraguay* (tradução de "Il cristianismo felice nel Paraguay"). Paris: Bordelet, 1754. p. 172 e 214.

¹⁰ DIDEROT. *Suplemento à viagem de Bouganville*. In: Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril, 1973. v. 23, p. 435). "Por uma política incompreensível, os jesuítas do Paraguai flagelavam os pais e as mães de família, sobre as nádegas nuas. Quando não existir outra razão para a expulsão dos jesuítas, esta será suficiente". VOLTAIRE. "Dictionnaire philosophique". In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Garnier Frères, 1879. vol. 20, p. 558.

¹¹ KERN, Arno Alvarez. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: Edit. da Universidade - UFRGS, 1994. p. 72. Muitas das idéias desenvolvidas e aprofundadas no presente trabalho, foram inicialmente apresentadas nesta publicação citada, especialmente nos capítulos 4 e 5..

¹² Ver os comentários do autor sobre o texto da "*Relação abervizada*", escrito por Pombal. KERN, Arno A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1982. p. 224.

das experiências que jesuítas e indígenas guaranis desenvolveram no Rio da Prata, não levam em conta uma série de especificidades da história local. Por isto, esta historicidade peculiar é muitas vezes mal compreendida e subestimada. As mudanças históricas de longa duração que ocorriam na sociedade colonial platina eram compreendidas menos ainda, ignorando-se em larga escala as características do trabalho que ali se desenvolvia visando estruturar uma nova, moderna e complexa realidade histórica, ao longo dos séculos 17 e 18. Nem mesmo levam em conta a situação fronteiriça, nos limites extremos das frentes de colonização de Portugal e da Espanha, em uma fronteira viva e agressiva onde são constantes os embates e combates, não apenas dos dois países ibéricos, mas igualmente entre os luso-brasileiros, os hispano-plateanos, as tribos já aculturadas (Guarani e Tupi) ou aquelas ainda não pacificadas (Charrua, Minuano, Guaicuru).

Esta atividade bélica que terminou envolvendo os grupos sociais ibéricos com seus segmentos coloniais, bem como os indígenas cristianizados e os ainda "infiéis", resultou da incapacidade das metrópoles portuguesa e espanhola em fazer frente com seus próprios meios aos desafios da fronteira, recorrendo pois às milícias dos indígenas. Não se pode afirmar, portanto, que esta historicidade fronteiriça e a série de mudanças históricas decorrentes estivesse implícita no "*projeto inicial*" dos jesuítas e que as Missões Jesuítico-Guaranis em essência sempre tivessem sido assim como são descritas no século 18.

Sem ter obedecido a nenhum projeto utópico pré-estabelecido, como já se afirmou de maneira inconsequente ¹³, sem mesmo o recurso às características de certas comunidades históricas anteriores, imaginadas como sendo "*utópicas*" ¹⁴, estas missões

¹³ Veja-se as críticas às idéias de intelectuais que procuraram em obras literárias utópicas um possível projeto utópico a ser implantado pelos jesuítas: Peramás ("República" de Platão); Schmitz ("Utopia" de Thomas More); Gotheim ("Cidade do Sol" de Campanella). KERN, Arno A. Opus cit., nota 6. Pg. 11-29.

¹⁴ Em contraste com a própria de finição de "utopia" (*u - topos*: "o não lugar"), alguns autores referem-se a prováveis paradigmas históricos anteriores. Ver as análises das obras destes autores

junto aos Guaranis surgem de uma experiência muito semelhante às demais que se espalham por toda a América Ibero-americana, do Amazonas ao Brasil Meridional, da Califórnia à Patagônia. Inscritas no âmbito da História Colonial americana, é ao longo de seu desenvolvimento que suas especificidades tornam-se manifestas. Os Trinta Povos dos Guaranis chegaram a se transformar pouco a pouco no melhor exemplo de racionalização cultural e de realização material da idéia jurídica e religiosa da Redução ¹⁵, sem nenhuma diferenciação significativa em termos globais do fenômeno missional americano,. Foram produtos típicos das normas jurídicas coloniais e permaneceram sempre inseridas na sociedade global hispano-americana.

Entretanto, terminaram provocando, à medida em que se desenvolviam, a ruptura das contradições desta mesma sociedade, na qual em princípio deveriam se harmonizar a espada e a cruz, no sistema montado para a conquista e o domínio colonial. Foi criado pelos missionários e para os indígenas, sobretudo os de etnia Guarani, um espaço de liberdade em um mundo colonial baseado na escravidão ¹⁶. As “aldeias de índios” e os “pueblos de índios” organizados pelos jesuítas em território colonial português e espanhol, transformavam-se sinteticamente em uma sociedade missioneira, nem indígena nem européia. Nesta nova realidade, evidenciaram-se as aspirações utópicas do início da Idade Moderna, que terminaram por provocar sua crise final e a destruição de toda a experiência

e acrítica dos modelos que apresentam (Raynal - o Império Inca, Charlevoix - a comunidade dos primeiros cristãos) em KERN, Arno A. Opus cit. nota 7, p. 58-69.

¹⁵ As aspirações dos missionários jesuítas era estruturar com indígenas “selvagens” uma sociedade na qual estes infieis fossem “reduzidos”, abandonando sua vida errante de nômades e tornando-se indivíduos com uma vida civil uma cidade (polis), ou seja, “*ad ecclesiam et vitam civilem esset reducti*” (reduzidos à vida civil e à Igreja).

¹⁶ Mesmo o crítico Voltaire, no seu “Essai sur les Moeurs” (vol. 2), parece se dar conta da impossibilidade de sessenta jesuítas limitar a liberdade de 150.000 guerreiros guaranis armados, inclusive com armas de fogo, ao destacar a liderança religiosa dos padres: “Os jesuítas, em verdade, serviam-se da religião para tirar a liberdade às populações do Paraguai: (...) fizeram da submissão do selvagem, pela instrução e pela persuasão, uma virtude”. Paris: Garnier Frères, 1963. p. 390.

ao serem confrontadas com as novas realidades políticas e econômicas, bem como com as novas idéias do Iluminismo.

Mais recentemente, ao longo dos séculos 19 e 20, este fenômeno histórico dos trinta povos Guaranis foi visto sob uma dupla ótica. Por um lado, uma série de intelectuais críticos anti-jesuíticos continuaram a posicionar-se segundo a orientação das idéias de intelectuais como Voltaire e Diderot¹⁷, ou de políticos como Pombal e de Campomanes.

Muitos outros pensadores, porém, seguiram uma ótica diferente daquela das Luzes, ao afirmarem ter se criado uma "utopia" em plena história. A "utopia" instalada no Rio da Prata, segundo Imbruglia seria "uma utopia contemporânea, que pertence à história presente". E mais: "a história de uma utopia mostrava que a utopia era possível na história". Afirmou igualmente Freitas que as atuais ruínas dos povoados missioneiros simbolizariam a miséria e a grandeza das "utopias"¹⁸. As diversas obras que seguem esta orientação evidenciam autores que escrevem sobre a "história" dos povoados missioneiros em função de certas concepções filosóficas nem sempre muito explícitas, sem se referirem nem às recentes pesquisas sobre o gênero literário das utopias, contradizendo-se em relação mesmo ao conceito de "u-topos" (o não lugar) que utilizam. Não há nem mesmo referências às investigações históricas e antropológicas em curso sobre as Missões Jesuítico-Guaranis. De um modo geral, as leituras que fazemos destes ensaios terminam por sugerir ao leitor a

¹⁷ VOLTAIRE, F. A. *Candide*. Paris: Clube des Editeurs, 1960. p. 48. Diderot chega mesmo a afirmar que "esses cruéis espartanos de hábito negro procediam, com seus escravos índios, como os lacedemônios com os hilotas: condenaram-nos a um trabalho assíduo; bebiam-lhes o suor; não lhes deixaram nenhum direito à propriedade; mantinham-nos no embrutecimento da superstição; exigiam-lhes profunda veneração; caminhavam no meio deles de chicote na mão, os açoitavam sem distinção de idade e de sexo. Um século mais, e a expulsão tornar-se-ia impossível ...". DIDEROT. *Suplemento à viagem de Bouganville*. In: Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril, 1973. v. 23, p. 435)

¹⁸ IMBRUGLIA, G. "Introdução", In: MURATORI, L. A. *Relation des Missions du Paraguay* (tradução de "Il cristianismo felice nel Paraguay"). Paris, La Découverte, 1983. FREITAS, D. O *Socialismo Missioneiro*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

idéia de que este utopismo se configura em uma espécie de "autismo histórico", de crença ou de uma religião laica e atéia.

Tanto nos ensaios críticos dos iluministas do século 18 e dos seus seguidores, como nas elogiosas referências dos utopistas mais recentes, percebemos como as afirmações são verbalizadas como se fossem verdades, sem que haja a menor necessidade de que se evidenciem documentos históricos ou arqueológicos para comprovação. Simples hipóteses se transformam em realidade sem nenhuma espécie de análise.

Centenas de pesquisa e de estudos recentes nos campos da etnohistória, da arqueologia e da história nos evidenciam condições mais favoráveis para uma apreciação objetiva da complexa realidade histórica destes povoados missioneiros. Documentos escritos e materiais desvelados, bem como novas interpretações e abordagens teóricas mais aperfeiçoadas, nos permitem superar as limitações anteriores e trazer à luz um conhecimento mais preciso. A complexidade do contexto e as múltiplas facetas do intrincado processo histórico platino tornam difíceis as sínteses, mas por outro lado nos mostram a inconsistência das generalizações e a subjetividade de certas visões. Certos ensaios publicados na época parecem estar mais preocupados em comprovar a viabilidade das teorias sociais utópicas de seus autores, julgar a honra da Companhia de Jesus, justificar a excelência do cristianismo, a condenar ou elogiar Pombal. Neste panorama, tanto nos textos dos defensores como nos dos acusadores, o que parece menos importar é uma análise científica dos fenômenos históricos ou resolver os problemas científicos que se levantam ante os pesquisadores, ao contrário portanto das pesquisas metodológica e teoricamente orientadas atuais ¹⁹. Alguns ensaístas estão por demais preocupados em

¹⁹ São inúmeros os pesquisadores que recentemente realizaram um esforço de tratamento científico desta temática, dentre os quais: ARMANI, Alberto. *Ciudad de Dios y Ciudad del Sol. El "Estado" Jesuítico de los Guaranies..* México, Fondo de Cultura Económica, 1982. HAUBERT, Maxime. *La vie quotidienne au Paraguay sous les Jésuites.* Paris: Hachette, 1967. KERN, Arno A. *Arqueologia Histórica Missioneira.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. LACOMBE, Robert. "La flûte et l'utopie (pouvoir et choc des cultures dans les Missions Jésuites d'Amérique du Sud)". *L'Etnographie* (Paris) 85 (1): 113-35, 1989. MELIÁ, Bartomeu. *El Guarani conquistado y reducido.*

comprovar ter sido a sociedade dos Trinta Povos das Missões um paraíso ou um inferno na região platina. Não são levadas em conta as demais missões que dominicanos, franciscanos, mercedários e agostinianos possuíram nas colônias ibero-americanas. Ignoram-se as outras missões jesuíticas que se estendem do México à Patagônia, do Pacífico espanhol ao Atlântico português, durante o período colonial. Os Trinta Povos dos Guaranis são isolados do contexto americano, recortados do processo histórico da sociedade colonial e estudados como se fossem um caso único e excepcional. Sob os obscuros véus das ideologias do século 18 e 19, velam-se pois as possíveis representações da realidade histórica.

3. As aspirações utópicas da sociedade missioneira e o seu colapso.

Ao contrário do que se afirmou reiteradas vezes, sobretudo por muitos intelectuais e alguns políticos de Portugal e Espanha, nunca existiu uma independência política dos Trinta Povos, nem eles se organizaram como um estado isolado, um “reino” ou um “estado dentro do estado”²⁰. Ao contrário, toda a documentação evidencia uma dependência muito grande em relação aos segmentos coloniais das sociedades metropolitanas. Para as autoridades espanholas locais, os indígenas guaranis missionários pagavam tributos anuais na forma de prestação de serviços militares, tais como trabalhar na construção ou reconstrução de fortalezas sobretudo nas capitais provinciais de Assunção e Buenos Aires, atacar tribos de indígenas de etnias Charrua e Guaicuru que ameaçavam as cidades e as

Assunção, Universidad Católica, 1986. MÖRNER, Magnus. *The political and economic activities of the jesuits in the La Plata region. The Hapsburg Era*. Estocolmo, Liv. Inst. Estudios Iberoamericanos, 1953.

²⁰ Os argumentos apresentados a seguir, foram detalhadamente analisados em outro estudo, no qual procurei demonstrar que a sociedade jesuítico-guarani platina “foi apenas o resultado de uma busca de equilíbrio entre a sociedade espanhola e a indígena, entre os interesses das frentes de expansão colonizadora hispano-portuguesa e os objetivos evangelizadores da ação missionária, entre o trono e o altar”. KERN, Arno A. Opus cit., nota 11, p. 8.

estâncias, auxiliar governadores a debelar rebeliões locais de índios pretensamente integrados e de europeus descontentes.

Inúmeras visitas de inspeção de governadores e de bispos foram documentadas. As lideranças locais, tanto de missionários como dos caciques índios integrantes dos órgãos municipais (os *cabildos* e seus alcaides *varistas*), apenas recebiam a delegação de sua autoridade das mãos dos governadores locais. A área ocupada pelos Trinta Povos estava integrada nos limites do Império Colonial Espanhol, e nas proximidades de duas capitais provinciais. A leste, entretanto, os povoados missioneiros guardavam uma fronteira viva, de contínuos choques armados, na qual havia uma permanente oposição de interesses entre a frente de expansão luso-brasileira que se expandia em direção à margem esquerda do Rio da Prata, e a sociedade espanhola local.

Quando os jesuítas portugueses²¹ e espanhóis penetraram na Região do Rio da Prata, já possuíam uma certa experiência comprovada nas Missões que haviam estabelecido no Oriente e em outras áreas do continente americano, como é o caso da aldeias de índios instaladas por Nóbrega e Anchieta no litoral atlântico da colônia brasileira e a Redução de Juli, no Peru. Longe de buscar um modelo em alguma obra utópica da época, é em determinação do Padre Geral em Roma que os jesuítas encontram as normas a serem seguidas para a sua ação. Os jesuítas receberam do primeiro procurador da recém fundada Província Jesuítica do Paraguai, o Padre Juan Romero, as instruções normativas²². Por outro lado, o Real Padroado Português e o Real Patronato espanhol determinavam a intervenção da monarquia em todas as atividades desenvolvidas pela Igreja. Mesmo se as Missões entre os "*índios infieis*" eram na prática da Igreja Católica e de suas ordens religiosas, as Ordenações reais portuguesas e as "*Leyes de Indias*" do absolutismo espanhol especificavam em detalhes como esta prática deveria ser desenvolvida. Por outro lado, a

²¹ Apoiados pelo bispo português de Córdoba, Don Francisco Vitória.

prática adquirida com a experiência junto a índios nômades ou sedentários, indicava ao longo do tempo quais as melhores soluções. Como se pode perceber, portanto, a tradição colonial dos povoados indígenas isolados, a experiência das demais ordens, os princípios da legislação espanhola, os da própria Companhia de Jesus, a própria organização dos jesuítas e o racionalismo empregado a partir de uma práxis constante, serviram de embasamento para uma política missioneira. Uma sistemática de administração dos povoados foi assim se corporificando ao longo dos séculos 16 e 17, para atingir um máximo de eficiência na primeira metade do século 18.

É necessário reconhecer que nestes povoados missioneiros platinos, os jesuítas e seus convertidos, os Guaranis, buscaram sempre uma situação de equilíbrio entre o trono espanhol e o altar cristão, entre a sociedade européia e a sociedade indígena, entre os interesses das frentes de colonização luso-espanhola e os objetivos evangelizadores da ação dos missionários, entre os interesses mercantilistas dos brancos e o desejo de sobrevivência dos índios.

Não é possível ignorar também que os jesuítas tiveram que admitir velhas estruturas e costumes indígenas, ora por imposição dos neófitos, ora por estratégia. A concessão ao modo de ser dos indígenas se fazia para não se correr o risco de pôr a perder todo o trabalho de evangelização. Foi assim que se admitiu, à contragosto, a poligamia dos caciques guaranis durante muito tempo, como forma de não perder seus melhores aliados na luta contra os pajés e na conversão dos indígenas. Fica evidente que o sistema desenvolvido pelos missionários europeus na América, inclusive dos jesuítas, não se desenvolveu segundo um plano fixo e imutável de uma utopia "a priori", mas formou-se paulatinamente, fundamentado nas estruturas sociais vigentes (européias ou indígenas) e na

²² "Instrucción de cómo se an de aver los nuestros en tomar y regir doctrinas de indios, que es la misma que se envió a la provincia de Filipinas por abril de 1604 y al Nueveo Reino por junio 1608", Padre Geral Acquaviva, com data de 1º de maio de 1609. KERN, A. A. Opus cit. nota 6, p. 74.

prática das sucessivas atividades apostólicas que se desenvolviam junto às diferentes etnias. As Missões dos Trinta Povos Guaranis não foram, definitivamente, uma antevisão de nenhuma sociedade do futuro, nem uma aplicação na prática das obras utópicas de Thomas More ou Campanella, nem mesmo de sonhos temporais jesuíticos de ocupação territorial do continente sul-americano, como algumas imaginações férteis chegaram a afirmar. Foram, isto sim, uma tentativa bem sucedida de instalação e desenvolvimento de uma vida comunitária cristã, com os grupos de Guaranis que eram levados pelos jesuítas, gradualmente mas com decisão, para uma situação de adaptação cultural à sociedade europeia ocidental e à religião cristã.

É necessário ainda compreender a situação fronteiriça dos Trinta Povos das Missões Guaranis, face aos expansionismos dos Impérios Português e Espanhol. Esta situação estratégica, em uma área na qual avançava decididamente o povoamento luso-brasileiro (sobretudo de casais açorianos) e os espanhóis estavam progressivamente perdendo territórios, levou a monarquia hispânica a fazer concessões, armando os indígenas com armas de fogo, considerando-os como uma milícia de apoio. Militares espanhóis foram enviados para o treinamento dos Guaranis. Sua situação de guarda fronteiriça evitou igualmente a "*encomienda*", ou seja, o trabalho servil nas atividades agrícolas dos colonos espanhóis. A situação fronteiriça destes povoados missioneiros, e o papel desempenhado pelas milícias indígenas na defesa dos territórios platinos do Império Colonial Espanhol, contra as investidas dos portugueses, explica em muito a história dos Trinta Povos e a sua trágica trajetória. A segurança dos grupos indígenas e da própria sociedade espanhola local só ficou plenamente assegurada com a criação da milícia guarani, armada com suas tradicionais armas de guerra (lanças, arcos e flechas, tacapes) e arcabuzes europeus. Representaram uma limitada resposta à constante progressão dos lusos em direção ao estuário do Rio da Prata.

Jesuítas e indígenas Guaraní, mesmo que não tenham partido de um determinado modelo utópico para a organização da vida nos povoados missioneiros, conjugaram entretanto de aspirações utópicas facilmente reconhecíveis. É esta mentalidade utópica²³ que leva as sociedades a uma série de realizações concretas, inseridas em contextos históricos específicos, em certos espaços geográficos definidos. Estas realizações se transformam pouco a pouco, os objetivos podem mudar, as sociedades se modificam. É necessário compreender que a experiência missioneira com os Guaraní é um longo processo histórico, tendo durado um século e meio. Iniciou-se no seio do Império Colonial Espanhol dirigido pelos reis da Dinastia dos Habsburgos, no século 17. E desarticulou-se durante a administração dos monarcas da Dinastia dos Bourbons, em pleno século 18. Emergindo do Barroco²⁴, numa época de crença nas leis divinas e dos embates da Contra-Reforma, as Missões viram seu final no Século das Luzes, quando o Despotismo Esclarecido ditava as regras, assim como o racionalismo empirista e a crença nas leis da natureza.

Os sonhos dos iniciadores da implantação dos Trinta Povos, tais como Montoya²⁵, Roque Gonzales e Cataldino, não são os mesmos dos jesuítas do século 18. Sepp e Cardiel se encontram face a outras realidades sociais e outras aspirações, diferentes daquelas dos

²³ Os conceitos de aspirações e de mentalidade utópicas é utilizado neste estudo no sentido definido em MANNHEIM, K. "A mentalidade utópica". In: _____. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1968.

²⁴ MARAVALL, José Antonio. *A cultura do Barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDIPUCRS, 1997. Ver especialmente "As características sociais da cultura do Barroco", p. 119 e seg.

²⁵ RUIZ de MONTROYA, Antonio. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañía de Jesus en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape*. Madrid: Imp. del Reyno, 1639. 105 p. A primeira edição de 1639, já esgotada e de difícil acesso, foi consultada na Biblioteca Nacional de Paris. A tradução realizada no Brasil, para o português, é da segunda edição espanhola de 1892, publicada em Bilbao, segundo as informações dos dois tradutores jesuítas, Arnaldo Bruxel, S.J., e Arthur Rabuske, S.J.: RUIZ DE MONTROYA, Antonio. Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape (2a. edição brasileira). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. 289 p.

iniciadores ²⁶. Os jesuítas imaginaram que a sua atividade poderia salvar os Guaranis da escravidão ou do serviço da "*encomienda*", nas mãos dos bandeirantes luso-brasileiros ou dos colonos hispano-plateanos. Este sonho de um espaço de liberdade em meio ao sistema escravocrata da sociedade colonial, foi sem nenhuma dúvida uma importante e decisiva aspiração utópica. Terminou representando para os Guaranis uma sobrevivência de um século e meio, a proteção contra a opressão, mas ao mesmo tempo ligou definitivamente os indígenas à defesa da fronteira e a um processo deliberado de transformações sócio-culturais. O modo de ser guarani (*nhande reko*), mantido tradicionalmente no *teko hã* (lugar onde se vive, espaço ocupado pela aldeia e pelo entorno de roças e florestas), pouco a pouco se transformou num modo de ser missionário nas aldeias dos missionários, sem entretanto nunca chegar a se configurar em um modo de ser europeu.

Como já afirmei em outra ocasião anterior, as Missões Guaranis tiveram auras tintas de sangue, devido às lutas contra os escravagistas de Assunção e contra as expedições dos caçadores de escravos bandeirantes, nas quais milhares de indígenas morreram. Armados pelos jesuítas e pela realeza espanhola, a partir da vitória obtida na Batalha de M'bororé (1641), os Guaranis finalmente obtêm um espaço de liberdade e segurança: os Trinta Povos das Missões.

Um gradual mas constante processo de transformações culturais se desenvolveu, ao longo de um século e meio. No início deste, os Guaranis abandonaram suas aldeias pré-históricas e penetraram nos povoados missioneiros, portanto, em plena História Moderna. Mantiveram-se, pois, nos povoados das Missões Jesuíticas muitos elementos tradicionais da sociedade indígena. Entretanto, pouco a pouco, deixaram os Guaranis de ser horticultores da floresta subtropical da Região Platina. Mas nem por isto se transformaram completamente em camponeses europeus.

²⁶ SEPP, Anton von. *Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*. São Paulo: Livraria Martins, 1951.

A ação deliberada de evangelização e europeização dos missionários foi constante. Entretanto, teve menos sucesso do que se imagina se levarmos em conta apenas os relatos dos jesuítas. Esta situação social de contemporaneidade duas culturas face a face, de duas sociedades com tradições culturais distintas, provocou uma síntese sócio-cultural, que se originou das próprias condições do contexto histórico local. E não de algum plano genial ou de projeto utópico de sociedade perfeita, produzido pela mente dos missionários. A realidade histórica evidenciada pela documentação escrita e material é outra. Por um lado, a cultura indígena manteve-se em muitos de seus padrões culturais, como evidenciam os vestígios arqueológicos: cerâmica artesanal, artefatos de pedra lascada e polida, etc. Muitos aspectos sociais persistiram: o cacicado, a língua guarani com sua imensa riqueza verbal, as relações sociais de solidarismo e reciprocidade, as tradições guerreiras, as atividades cotidianas da caça e da pesca. Na horticultura podemos destacar a domesticação de plantas tais como: milho, mandioca, amendoim, abóbora, feijão, pimenta, bem como o tabaco e a erva-mate. Por outro lado, a ação consciente dos jesuítas colocaram os indígenas face a face com as inovações técnicas da sociedade européia: a escrita e a imprensa, o arado e a metalurgia do ferro, a olaria e a arquitetura barroca, o predomínio da família nuclear e a inserção do caciquismo nos órgãos municipais do Cabildo espanhol. Os guerreiros guaranis foram transformados em milícia armada a serviço dos interesses espanhóis, frente aos inimigos portugueses e das demais etnias indígenas inimigas (grupos de Charrua, Minuano, etc.). Os guaranis começavam pouco a pouco a serem estimulados a produzir para o ainda limitado mercado consumidor platino.

A sociedade colonial não conseguiu resolver o impasse criado com o contato entre as sociedades indígenas e a sociedade européia. Assim como as nossas sociedades atuais, herdeiras das estruturas sociais coloniais, não conseguiram resolver este problema nos novos estados "*criolos*" nascidos no século 19 integrar ou segregar os indígenas? Dilema

sem solução. A Missão desempenhava importante papel na frente de colonização ibérica, ao voltar-se para a integração das etnias indígenas ao segmento colonial da sociedade européia. A forma usual de colonização se caracterizava pela exploração econômica sob a ameaça da força e, algumas vezes, do aniquilamento étnico, dizimando aos milhares os nativos. As Missões Jesuítico-Guaranis nos evidenciam uma outra faceta. Instituiu-se uma relação diferente entre dominadores e dominados. O solidarismo do sistema leva ao consenso e aproximadamente 150.000 indígenas aceitaram durante um século e meio um acordo tácito feito com seus novos pajés de batina cor preta. Este espaço de liberdade consentida e limitada possibilitou aos Guarani viverem como indivíduos cujo direito à vida era respeitado, o que não era de maneira nenhuma a regra na sociedade colonial. Estas aspirações utópicas tiveram um brusco final com a expulsão dos jesuítas, após as vicissitudes do levante dos indígenas contra as determinações reais de entrega dos Sete Povos da margem direita do Rio Uruguai aos portugueses. A desintegração desta extraordinária experiência de vida comunitária terminou ocorrendo em meio aos conflitos luso-espanhóis pelos territórios platinos e no fragor das guerras de independência locais. Terminava assim, com as cores sangüíneas de um ocaso, o sonho de um espaço limitado de liberdade para os indígenas Guarani. Predominavam as normas de uma sociedade colonial escravagista e os interesses das elites que comandava os grandes impérios da Espanha e Portugal ²⁷. O Tratado de Madri, revogado em 1761, não fora satisfatório nem para os portugueses nem para os espanhóis. Havia, entretanto, provocado um impacto terrível na sociedade guarani-missioneira.

Melancolicamente, os personagens desta original experiência histórica foram abandonando o cenário. Os jesuítas terminaram expulsos como resultado das lutas entre o

²⁷ O historiador Maxwell recorda que "o conflito antijesuítico e o desejo comum de Portugal, Espanha e França de pressionar o papado na questão dos jesuítas significavam que Pombal desejava evitar provocar a Espanha na disputa das fronteiras meridionais da América do Sul". MAXWELL, Kenneth. Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1996. p. 134.

Despotismo Esclarecido e o Papado, entre as novas idéias do Iluminismo e as antigas concepções vigentes da Europa. Explorados em suas terras, transformados em tropas auxiliares dos exércitos dos caudilhos, saqueadas suas igrejas e prostituídas as suas mulheres, os indígenas pouco a pouco abandonam os povoados missioneiros. Alguns retomaram o rumo das selvas e readquiriram em parte seus antigos costumes ancestrais. Outros se encaminharam para as cidades espanholas, onde continuaram a realizar as tarefas aprendidas no povoado missioneiro ao longo do processo de europeização desenvolvido pelos jesuítas. Um pequeno número de indígenas restou nos povoados, onde foram explorados pelos novos administradores leigos espanhóis ou pelos portugueses que os substituíram nos Sete Povos orientais. Pouco a pouco, os povoados foram sendo abandonados e a selva reocupou seu espaço por entre as ruínas remanescentes.

4. Conclusões.

Uma concepção popular de "*utopia*" relaciona este conceito com a idéia de um plano ou projeto impossível de ser realizado. Sabemos que as sociedades possuem aspirações e desejos muito humanos de suplantar as contingências e superar as limitações, na busca de uma organização social mais justa e sem grandes contradições. A criação literária das utopias está relacionada a esta mentalidade utópica, e faz parte de uma visão social de mundo. Entretanto, a visão social de mundo das comunidades cristãs sempre limitou a produção de utopias literárias, pois a cidade ideal não será encontrada na terra, mas nos céus. Não evitou nem deixou de estimular, porém, as aspirações utópicas de realização de uma vida comunitária justa e fraterna aqui na terra, sem cair nas armadilhas do utopismo.

As aspirações utópicas dos Guaraní e dos jesuítas não tinham condições - a longo prazo - de se realizar. Por pretenderem a criação de um espaço de liberdade, inserido em meio às injustiças e contradições da sociedade escravocrata colonial, os Trinta Povos geraram contra si invejas e condenações constantes de grupos coloniais e que culminaram com as críticas do Iluminismo, na Europa.

As Missões foram um palco histórico onde alguns atores sociais tentaram escrever e representar sua própria tragicomédia. Palco no qual se pensou poder escrever uma história diferente de toda aquela que caracterizava a América colonial. Entretanto, as aspirações utópicas dos Guaraní de tentar manter o seu modo de vida se frustrou, tornando-se uma sobrevivência de tempo limitado. As aspirações dos missionários de realizar com indígenas "*selvagens*" uma sociedade na qual os bárbaros e infiéis fossem "*reduzidos*" ("*Ad ecclesiam et vitam civilem esset reducti*") para a glória da Igreja e para a vida civil, terminou com a expulsão de todos os integrantes da Companhia de Jesus e sua substituição por administradores leigos.

As Missões não foram nenhum libelo contra a injustiça das realidades da sociedade colonial, mas apenas um palco limitado onde as aspirações utópicas de seus integrantes tentaram realizar-se concretamente, sem poder atingir aos seus fins. Os Jesuítas e os Guaraní não podiam sabê-lo, mas no momento mesmo em que se instalaram nos Trinta Povos missioneiros platinos, o tempo histórico iniciou sua contagem regressiva, rumo ao final da experiência e ao fracasso das suas iniciativas. O colapso e a morte de suas aspirações foi decretada, em primeiro lugar, na Europa, nos textos dos intelectuais Ilustrados e nos gabinetes de ministros nas cortes de Lisboa e Madri. Mas, foram estimuladas igualmente pelos interesses escravagistas locais, de São Paulo, Rio de Janeiro, Assunção e Buenos Aires.

Se os Jesuítas e seus neófitos, os Guaranis, haviam pretendido um espaço de liberdade em meio à servidão do mundo colonial luso-espanhol, o seu sonho tornou-se irrealizável - e neste sentido uma "utopia" - pelos interesses contrários da própria colônia. É neste sentido que o termo utopia foi utilizado para caracterizar a organização política interna dos Trinta Povos dos Guaranis, em estudo que realizei anteriormente ²⁸.

A humanidade deverá continuar ainda a aprendizagem da vida em comum e da sociedade justa. Esse caminho está pleno de fracassos e mesmo da criação de aberrações em alguns momentos. Em outros, ela se mostra rica em experiências históricas extraordinárias como a dos Trinta Povos. As aspirações utópicas e as decisões políticas, em contextos históricos favoráveis, é que poderão garantir o sucesso ou o fracasso das experiências. Jamais a simples aplicação social de teorias criadas literariamente em outros momentos históricos e imaginadas para contextos sociais diferentes, como o Iluminismo o fora para a Europa.

São as nossas aspirações utópicas presentes, reforçadas e inspiradas pelas experiências positivas do passado, que deverão nos indicar os rumos para o futuro. Em pleno século 18, em situações e circunstâncias históricas diferentes das atuais, não foram outros os desafios com que se defrontaram os jesuítas e os Guaranis no mundo platino colonial.

²⁸ KERN, Arno A. Opus cit., nota 8.